

## Como os falantes de Feira de Santana – BA realizam o objeto direto anafórico?

Francieli Motta da Silva Barbosa Nogueira (UFBA)

[francielimotta@yahoo.com.br](mailto:francielimotta@yahoo.com.br)

### Introdução

O português brasileiro (PB) tem se mostrado, em muitos aspectos, distinto do português europeu (PE), o que não é diferente no tocante às possibilidades de uso para o objeto direto anafórico de 3ª pessoa, objeto de estudo desta pesquisa. Entende-se por objeto direto anafórico o complemento que já foi mencionado anteriormente, ou seja, trata-se de uma estratégia disponível em todas as línguas para retomar uma referência já feita no discurso.

No português falado no Brasil, percebem-se quatro estratégias de realização do objeto direto anafórico: i) clítico “[...] senhor daria que conselho a ele, vamos supor que o senhor esteja falando com ele diretamente. INF: Sobre é... **incentivá-lo** ao estudo?”, ii) objeto nulo “A senhora cria galinha pra vender, ou cria pra... INF: Eu crio pra vender, aí seis em seis mês eu vendo **Ø**...”, iii) SN anafórico “E o que é que você acha dos feirenses? Inf: Eu acho **os feirenses** um pouco... um pouco... não, são boas pessoas...” iv) pronome lexical “[...] crio um cachorro, um Suat, Suat é um cachorro fila muito bom. Mas a gente já tem amizade por que eu crio **ele** desde de novo..”.

Este trabalho se propõe a verificar os fatores que condicionam as formas inovadoras objeto nulo e SN anafórico no português culto e popular de Feira de Santana, segunda maior cidade do estado da Bahia. A pesquisa segue embasamento teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista proposta por Labov (1972).

### 1O objeto direto anafórico

Cunha e Cintra (2001, p. 140) definem objeto direto como “complemento de um verbo transitivo direto, ou seja, o complemento que normalmente vem ligado ao verbo sem preposição e indica o ser para o qual se dirige a ação verbal”. Cegalla (2008, p. 348) define como “complemento dos verbos de predicação incompleta, não regido, normalmente, de preposição”. Dessa forma, é geralmente definido apenas como complemento de um verbo transitivo direto que normalmente vem ligado ao verbo sem preposição. Em algumas construções, porém, pode vir preposicionado. Esta possibilidade ocorre, segundo Cunha e Cintra (2001, p. 142), “com os verbos que exprimem sentimentos, para evitar ambiguidade, quando vem antecipado, e quando expresso por pronome pessoal oblíquo tônico”.

Em relação aos pronomes pessoais, Cunha e Cintra (2001, p. 277) afirmam que, quanto à função, as formas do pronome pessoal podem ser retas ou oblíquas. “Retas, quando funcionam como sujeito da oração; oblíquas, quando nela se empregam fundamentalmente como objeto (direto ou indireto)”. No PB, a distinção no sistema pronominal é uma imposição da tradição gramatical, refletindo-se mais rigorosamente na escrita, enquanto no vernáculo (língua falada em situações naturais de interação social, conforme Tarallo, 1999), essa distinção se atenua sensivelmente.

O que se pode notar nas gramáticas tradicionais em relação ao uso do objeto direto é que desaprovam o uso do pronome reto como objeto, ou seja, a norma padrão não observa as demais variantes que correspondem também aos usos linguísticos dos falantes. Vale destacar o que postulam Cunha e Cintra (1985, p. 281):

Na fala vulgar e familiar do Brasil é muito freqüente o uso do pronome ele(s), ela(s) como objeto direto em frases do tipo: *Vi ele; Encontrei ela*. Embora esta

construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documentam em escritores dos séculos XIII e XIV, deve ser evitada hoje.

## 2 Amostras e metodologia

A metodologia para a análise do fenômeno *retomada anafórica do objeto direto de 3ª pessoa* nas falas culta e popular de Feira de Santana segue os princípios teórico-metodológicos da Teoria da Variação ou Sociolinguística Laboviana (LABOV, 1972; TARALLO, 1990).

O *corpus* analisado é composto de 12 entrevistas do tipo diálogo entre informante e documentador (DID), em situações semi-formais, pertencentes ao banco de dados do *Projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano* – DLA/UEFS. Nesta pesquisa foram levadas em consideração a igualdade de representação dos gêneros/sexos, os níveis de escolaridade e as três faixas etárias dos informantes utilizadas no projeto. Sendo assim, os informantes foram selecionados de acordo com três faixas etárias: faixa I (25 a 35 anos), faixa II (36 a 45 anos) e faixa III (acima de 45 anos), foram analisados quatro informantes de cada faixa. Destes, dois corresponderam aos falantes com baixa escolaridade e dois aos falantes com nível superior completo.

Os dados referentes à norma popular são de feirenses filhos de feirenses com baixa escolaridade, possuindo apenas o fundamental completo, enquanto os dados de fala culta correspondem também a feirenses filhos de feirenses, mas com nível superior completo. Assume-se neste trabalho a polarização sociolinguística proposta por Lucchesi (2004, p. 87):

A NORMA CULTA seria, então, constituída pelos padrões de comportamento linguístico dos cidadãos brasileiros que têm formação escolar, atendimento médico-hospitalar e acesso a todos os espaços de cidadania e é tributária, enquanto norma linguística, dos modelos transmitidos ao longo dos séculos nos meios da elite colonial e do Império; modelos decalcados da Metrópole portuguesa. A NORMA POPULAR, por sua vez, se define pelos padrões de comportamento linguístico da grande maioria da população, alijada de seus direitos elementares e mantida na exclusão da bastardia social.

Após a constituição do *corpus*, procedeu-se um levantamento exaustivo de todas as ocorrências, em seguida, a codificação dos dados. O tratamento estatístico foi realizado pelo GOLDVARB (cf. SANKOFF, 1988), programa de regras variáveis que apresenta como resultado uma seleção estatística dos grupos de fatores que condicionam o fenômeno inovador, além de estabelecer os percentuais e os pesos relativos dos fatores considerados.

## 3 Análise dos dados

Nesta análise, iniciaremos traçando um panorama do levantamento quantitativo das ocorrências.

VARIANTE	OCORRÊNCIAS	%
<b>Clítico</b>	7	1,3
<b>Pronome lexical</b>	45	8,4
<b>SN anafórico</b>	191	36

<b>Objeto nulo</b>	289	54,3
<b>TOTAL</b>	532	100

Tabela 1: Realização do objeto direto anafórico no *corpus*

Os resultados da análise evidenciam que a variante canônica, clítico acusativo de 3ª pessoa, encontra-se em processo de extinção, uma vez que houve apenas 7 ocorrências em um total de 532 dados. Já a variante inovadora objeto nulo é a forma mais frequente na realização do objeto direto anafórico em Feira de Santana, tendo um percentual bastante significativo de 54,3%, passando a concorrer com a variante SN anafórico, que se apresenta também de forma representativa abarcando 36% das ocorrências. Embora seja uma variante estigmatizada, o pronome lexical chega a representar 8,4% dos dados, sendo também utilizado por falantes de nível superior.

A partir dos resultados das ocorrências das quatro variantes tornou-se evidente a competição entre as variantes inovadoras objeto nulo e SNs anafóricos. Sendo assim, nessa análise o enfoque será dado a essas variantes. Foram feitas quatro rodadas binárias opondo as quatro variantes testadas. 1ª rodada: clítico acusativo e SN anafórico; 2ª rodada: clítico e pronome lexical; 3ª rodada: clítico e objeto nulo e 4ª rodada: objeto nulo e SN anafórico. Para o cômputo geral dos dados, foram feitas as rodadas através do programa Goldvarb, considerando vários grupos de fatores, mas aqui serão apresentados apenas os grupos condicionadores do fenômeno inovador – objeto nulo – e exatamente na ordem em que o programa selecionou.

### 3.1 Objeto nulo x SNs anafóricos

Foram selecionados como condicionadores da variante inovadora objeto nulo dois fatores linguísticos e um social, sendo eles: estrutura da oração, formas nominais e gênero/sexo do informante. O fator selecionado como de maior importância na realização da variante objeto nulo foi o fator linguístico estrutura da oração, sendo apresentadas as ocorrências e pesos relativos na tabela abaixo:

Estrutura da frase	OBJETO NULO			SNs ANAFÓRICOS	
	QTD.	%	PESO RELATIVO	QTD.	%
OD (SN)	5	3	-	167	97
OD (S)	239	98	.97	3	2
OD (SN) + PRED.	3	33,3	-	6	66,7
OD (S) + PRED.	10	90,9	.73	1	1,1
OD (SN) + OI (SN)	1	7,7	-	13	92,3
OD (S) + OI (SN)	31	96,9	.92	1	3,1

Tabela 2: Distribuição dos dados segundo a estrutura sintática da frase

Verificamos que, em estruturas simples – SVO – se o objeto é um SN, o uso dos SNs anafóricos (97%) supera as ocorrências de objeto nulo, como em (1). Já o apagamento (98%) quase chega a ser categórico quando o objeto é um (S) com o peso

relativo de (.97), como exemplificado em (02). Nas estruturas complexas em que o objeto é um (S) a categoria vazia se apresenta de forma bastante significativa, apresentando pesos relativos de (.73) e (.92) nas estruturas OD (S) + PRED. E OD (S) + OI (SN), respectivamente.

(01) Se você for fazer diretamente do aipim, você descasca **o aipim**[...]

(02) Então, tem aluno que chega com um texto super acabado, super sofisticado, parecendo que não foi feito por ele, eu chamo[Ø] no cantinho [...]

O segundo fator selecionado como forte condicionante da variável objeto nulo se refere ao fator social gênero/sexo. A análise da correlação entre gênero/sexo e a variação linguística faz referência não apenas ao grau de prestígio atribuído pela comunidade como também à forma de organização social. Paiva (2008, p. 36) destaca que:

No estudo da correlação entre gênero/sexo e mudança linguística, um aspecto a considerar é o valor social da variante inovadora. Um processo de mudança pode ser a instalação de uma forma prestigiada socialmente ou de uma forma estigmatizada, que infringe padrões linguísticos vigentes. A distinção entre esses dois tipos de mudança permite definir com maior clareza o papel da variável gênero/sexo nos processos de mudança. Quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada, as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude mais conservadora e os homens tomam a liderança do processo.

Os resultados apresentados na tabela abaixo confirmam uma das hipóteses da pesquisa, de que as mulheres lideram o processo de mudança quando se trata de uma variante que não é estigmatizada.

<b>GÊNERO/SEXO</b>	<b>Objeto nulo</b>	<b>Peso Relativo</b>	<b>SNs anafóricos</b>
Masculino	102/289 35,3%	.30	96/191 50,3%
Feminino	187/289 64,7%	.64	95/191 49,7

Tabela 3: Distribuição dos dados segundo o gênero/sexo do informante

Embora as variantes em questão não sejam socialmente estigmatizadas, os homens estão liderando a variação no uso dos SNs anafóricos, ou seja, esta variante está adentrando no sistema através da fala dos homens. Já as mulheres lideram a representação do objeto nulo, apresentando peso relativo de (.64), num percentual bastante significativo de 64,7%.

O último fator selecionado pelo programa como condicionante da variante objeto nulo foi o fator estrutural formas nominais conforme tabela:

FORMAS NOMINAIS	Objeto nulo	Peso Relativo	SNs anafóricos
Infinitivo	98/165 59%	.57	67/165 41%
Gerúndio	8/16 50%	.05	8/16 50%

Tabela 4: Distribuição dos dados segundo as formas nominais

Os dados evidenciam que a forma nominal infinitivo (03) é a que mais favorece o apagamento do objeto, representando uma total de 59% dos dados analisados, com peso relativo de (.57). O gerúndio não foi relevante a nenhuma das formas variantes, ocorrendo de igual forma em ambas (objeto nulo e SNs anafóricos).

(03) A segunda parte do dinheiro ta desde agosto pra chegar e o INCRA...não chegou. A gente taí há cinco meses com dívidas e mais dívidas, sem **receber**Ø.

### 3.2 Clítico acusativo x pronome lexical

Nesta pesquisa ficou evidente a queda dos clíticos acusativos de terceira pessoa, forma prescrita nas gramáticas tradicionais, nos dados dos informantes de Feira de Santana, uma vez que houve apenas sete ocorrências. Com esse baixo índice, busca-se neste momento conhecer os contextos em que os clíticos se apresentaram. Para tanto, será utilizada a rodada entre clítico acusativo x pronome lexical.

Os sete únicos dados de clíticos na pesquisa ocorreram na fala dos homens, o que comprova em parte a hipótese de que as mulheres são mais conservadoras, pois, apesar de o clítico ser a forma canônica, é a forma mais estigmatizada. Sendo assim, as mulheres optam pela variante objeto nulo, que não é dotada de estigma social. Os dados de clíticos estão distribuídos conforme o gráfico:

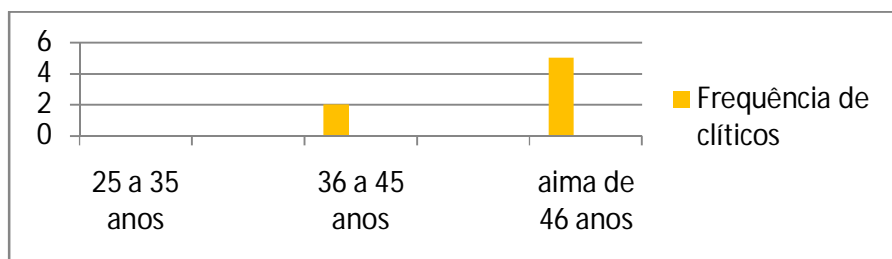


Gráfico 1: Distribuição dos dados de clíticos segundo a faixa etária

A ausência de clíticos nos mais jovens, evidenciada no gráfico acima, e o progressivo aumento da frequência à medida que a idade dos informantes se eleva, corrobora com a hipótese do processo de mudança em curso apontada por WLH (2006), pois fica evidente o enfraquecimento da variante conservadora frente às variantes inovadoras. Apesar da escassez de dados, podemos perceber nesse gráfico a descontinuidade entre gerações.

Interessante notar que os dois únicos dados de clíticos pertencentes à faixa II coincidem com os únicos dados encontrados na fala de informantes do gênero/sexo masculino com baixa ou pouca escolaridade, pertencentes ao grupo representativo da fala popular, ilustrados em (04) e (05):

(04) [...] o senhor daria que conselho a ele , vamos supor que o senhor esteja falando com ele diretamente. INF: Sobre é... **incentivá-lo** ao estudo?

(05) [...] na minha cidade não tem praia eu só via a praia pela TV, mas quando eu tive oportunidade de **vê-la** pessoalmente eu fiquei encantado com a imensidão de água..

Os cinco dados restantes de clíticos também encontrados na fala de informantes do gênero/sexo masculino, pertencem ao grupo representativo de fala culta, com nível superior completo. Encontrando-se abaixo em (06), (07), (08), (09) e (10):

(06) É... realmente... é... houve hidrólogo do mundo todo, questionam a validade desse projeto. É um rio em... morrendo, e se você tirar sangue d'um {adêmico} é **matá-lo**.

(07) E como foi que o senhor conheceu sua esposa? Inf: Encontrei na casa de uma irmã que também é professora daqui, já aposentô. Foi um encontro casual na casa e... gerou uma amizade, pontos comuns, interesses comuns e nos encontramos pela primeira vez em... setenta e sete. Trinta anos que convivemos desde quando **a conheci** pela primeira vez até hoje.

(08) Então, o fato de eu me aproximar dele, pra procurar entender aquilo, já consigo ganhar, **ganhá-lo** e tenho meu... meio caminho andado, então, nunca vou de, de embate, vou de frente com ele, não.

(09) O que é que tá por traz daquilo? Qual é o problema familiar? E conversando com ele em particular ou...ou levando...em diálogo ou...tentar **compreendê-lo**, tem resolvido.

(10) Todos os filmes nacionais hoje há qualidade, não só qualidade técnica como o conteúdo. Eu vejo o cinema hoje com muita riqueza, hoje eu assisto filme nacional sem indicação de...de...da crítica e todos esses que tenho assistida não me arrependo, voltaria a **vê-los** e é...tamanho qualidade que fica difícil até focar num determinado elemento..

Sendo assim, por conta da escassez de dados, não houve como comprovar ou refutar a hipótese de que os falantes com nível superior tenderiam a utilizar mais a forma canônica. Estudos recentes têm mostrado que em diversos contextos a forma padrão – clítico acusativo – tem sido fortemente estigmatizada. Duarte (1989) pontuou essa questão em seu trabalho, afirmando que a noção de variante estigmatizada muda justamente conforme o contexto, “usar o clítico em situações informais é uma atitude tão estigmatizada quanto usar pronome lexical em situações formais”.

Observando as variáveis sociais referentes ao fator escolaridade pode-se confirmar a hipótese de que os falantes de baixa escolaridade utilizariam mais a variante pronome lexical que os falantes com nível superior.

ESCOLARIDADE	Clítico	Pronome lexical
Baixa/nenhuma	2/7 28,6%	36/45 80%
Nível superior	5/7 71,4	9/45 20%

Tabela 5: Distribuição dos dados segundo o nível de escolaridade

A partir dos dados da tabela 5 pode-se comprovar o mérito das instituições de educação apontado por Votre (2008: 56): “o de ser responsável por uma parcela relevante da tarefa socializadora que uma língua nacional, de prestígio, requer”. O contato com a norma padrão em detrimento das formas estigmatizadas imprime ao falante a estratégia de esquiva – o uso do objeto nulo e do SN – frente à realização do pronome lexical (11), por se tratar de formas neutras.

(11) Esse pudim de leite moça, de leite condensado, a senhora sabe fazer? INF: Eu não sei fazer **ele** não, já vi fazer, mas eu não sei não.

Os resultados apresentados na tabela 5 também comprovam a hipótese inicial de que os falantes de baixa ou nenhuma escolaridade utilizariam com maior frequência o pronome lexical, que apesar de ser a forma de menor prestígio social, também está presente na fala dos informantes cultos.

### **Considerações finais**

Após a análise dos dados referente à variável dependente objeto direto anafórico nas falas culta e popular de Feira de Santana, pudemos confirmar o uso das quatro estratégias e verificar que o clítico é a estratégia cada vez menos utilizada pelos falantes. Pudemos comprovar também, nesta investigação, o processo de mudança linguística em curso, na realização do objeto direto anafórico de terceira pessoa, coincidindo com o trabalho de Duarte (1989).

Neste estudo ficou claro que o SN anafórico é uma variante que compete apenas com o objeto nulo, sendo ambas desprovidas de estigma social. Assim como em Duarte (1989), nesta pesquisa destaca-se o favorecimento da categoria vazia por todos os grupos, o que evidencia o estágio de implementação dessa variante no sistema linguístico. O uso do pronome lexical em maior quantidade por falantes com baixa escolaridade comprovou a hipótese inicial, sendo a forma de menor prestígio social. A baixa ocorrência dessa variante na fala dos cultos demonstra a rejeição destes ao uso de uma variante tão criticada pelo padrão gramatical.

Através desse um estudo na perspectiva sincrônica, pudemos apresentar uma *fotografia* da realização do objeto direto anafórico de terceira pessoa na cidade de Feira de Santana- BA. Este trabalho soma-se a outros relativos ao mesmo objeto de estudo a fim de que possamos conhecer os processos de variação e mudança por que passam o português brasileiro.

### **Referências**

- ALMEIDA, Norma Lúcia F.; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. (Orgs.) *Amostras da língua falada em Bananal / Barra dos Negros*. Feira de Santana: UEFS, UEFS/Projeto “A Língua Portuguesa no Semi-Árido Baiano”, 2002.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

- DUARTE, M. E. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil. In Fernando Tarallo (Org.) *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LUCCHESI, Dante. Norma Linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (Org.). *Linguística da norma*. 2. ed. São Paulo, Edições Loyola: 2004.
- NUNES, Jairo. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. In: ROBERTS, Ian e KATO, Mary (Orgs). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1993.
- PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C. & SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIR, K. J. (Eds.). *Sociolinguistics – an international handbook of the science of language and society*. Berlin/New York: 1988.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1990.
- TARALLO, Fernando. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, Ian e KATO, Mary (Orgs). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.